

Construção da identidade, o processo educacional e a violência – uma visão psicanalítica

David Léo Levisky*

Resumo: O autor aborda as relações existentes entre os processos de identificação educacional, à luz da psicanálise, na construção da subjetividade da criança e do adolescente, na sociedade contemporânea. Questões como violência, cidadania, liberdade, democracia são frutos de relações precoces estabelecidas no seio familiar e na cultura, através da educação. Descreve a interação entre as relações educacionais, afetivas, constitucionais, sociais, econômicas na formação e desenvolvimento do *self*, do ego e do superego, resultando na organização de diferentes “configurações” psicodinâmicas. Estas configurações podem ser favorecedoras ou não na integração social. Salienta a importância do contexto social na edificação do mundo interno do sujeito e nas formas de vazão da vida pulsional, simbólica e do pensamento.

Palavras-chave: Processo de identificação, educação, sujeito, subjetividade, violência.

Abstract: The author studies, from a psychoanalytic approach, the relationship between the identification and the educational processes in the organization of the subjectivity of children and adolescents in contemporary society. Values like violence, citizenship, freedom and democracy are formed by society according to the early relationships the child establishes with the family and culture, through education. The author describes the interaction among the educational, emotional, constitutional, social and economic aspects in the formation and development of the self, ego and super-ego. This dynamic interaction accounts for the different psychodynamic configurations, which can be positive or negative, for social integration. He stresses the importance of the social context in the organization of the inner world of the individual, his thoughts, his symbolic and emotional characteristics.

Key-words: Identification process, education, subject, subjectivity, violence.

A construção da subjetividade do sujeito, desde os seus primórdios, está diretamente relacionada às características intrínsecas do indivíduo, à sua história, à qualidade dos vínculos afetivos e do contexto sociopsicológico-econômico-político-cultural no qual ele está inserido e ao processo educacional.

* Psiquiatra da infância e adolescência. Membro efetivo e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, filiada à IPA. Doutorando do Departamento de História da FFLCH da USP. dlevisky.tln@terra.com.br.

O bebê ao nascer traz consigo uma série de medos: quem são seus pais, saberão cuidar dele? Não conhece as dificuldades nem os recursos imediatos para sobreviver. Pouco a pouco vai descobrindo suas potencialidades ao longo de um percurso de incertezas e desconhecido. O corpo amadurece, se desenvolve e a vida simbólica se estabelece fruto da relação com o outro. Entretanto, a vida psíquica não começa no nascimento. Os pais possuem uma história e realidade prévias à vida intra-uterina que de alguma forma interferirá no ambiente no qual o bebê irá se desenvolver. Durante a gestação o feto já ouve, percebe a luz, recebe os reflexos das reações emocionais, dos hábitos e costumes de sua mãe e, através dela, do pai e do meio ambiente. Se a mãe bebeu, fumou ou manteve relação sexual, o feto vive e registra de alguma forma estas experiências, num mundo de ruídos, turbulências e prazeres, no qual se desenvolve protegido pelo corpo materno. Ao nascer, se tiver a sorte de encontrar um ambiente adequado, que o oriente com ternura, continuidade, cuidados e educação, certamente terá maiores oportunidades para lidar com a vida e nela se realizar.

Do encontro do bebê com sua mãe, um conjunto de elementos potenciais inatos e adquiridos vão se desenvolvendo a partir das relações afetivas e educativas com o primeiro objeto real externo. Imitação, incorporação, projeção, reintrojeção são processos psico-educativos, parte consciente e em grande parte inconsciente, que possibilitam o desenvolvimento e a aculturação do aparelho psíquico, constituindo o mundo simbólico. A subjetividade individual e coletiva será determinada pelas relações desses conjuntos múltiplos constituídos pelo sujeito, família, cultura e sociedade. Dentro de condições emocionais e existenciais adequadas o bebê estabelece com seu corpo, com o corpo materno e posteriormente com o pai, representantes do primeiro conjunto social, uma relação criativa de desenvolvimento do *self*¹. Condições essenciais para o processo de identificação, com formação dos primeiros referenciais identificatórios e do superego, instância responsável pela adequação da vida pulsional em sua relação com a cultura, onde a ética se faz presente nas relações sociais.

Um filho, quando vem ao mundo, recebe involuntariamente uma série de ideais, anseios e temores conscientes e inconscientes que vão interferir, querendo ou não, em sua personalidade, através das heranças psíquicas que a ele serão transmitidas e que irão compor o contexto familiar. O resultado é uma interação entre aspectos próprios, oriundos das potencialidades individuais e das relações que se estabelecem com o outro e com o meio. A resultante das interações afetivas, sociais e educativas, dentro de um determinado contexto histórico-econômico-

1. Conceito de *self*: em Winnicott, sofre transformações de sentido no decorrer da obra; Winnicott utiliza-se de elementos oriundos das teorias freudiana, kleiniana, psicologia do ego, da filosofia; expressa a idéia de identidade única, exclusiva, integrada e original; sentimento de identidade que surge com a percepção da própria existência; seu núcleo é o potencial herdado que experimenta uma continuidade existencial, que a seu modo e a seu ritmo adquire uma realidade psíquica e um esquema corporal (ABADI, 1996); Klein usava *self*, ego e sujeito de forma intercambiante, até utilizá-lo como a totalidade da personalidade (incluindo o ego e a vida pulsional), sendo o ego a parte organizada do *self*. Teoria do *self* (HARTMAN et al.): o *self* é a representação que é investida no narcisismo (HINSHELWOOD, 1992). O conceito de *self* utilizado aproxima-se do conceito empregado por Hartmann, quando distingue o ego como uma organização mental objetivamente descrita e o *self* como sendo a representação que é investida no narcisismo. Um momento da evolução libidinal que investe e se confunde com o narcisismo primário, e que contém também a noção de si mesmo.

cultural, promove a efetivação do processo identificatório na construção de uma identidade.

A psicanálise permite compreender o desenvolvimento desta identidade através do processo de identificação: influências do inconsciente sobre a vida consciente, investimentos afetivos, tipos de ansiedade, mecanismos de defesa predominantes, características da estrutura do ego e do superego, capacidade de tolerar frustrações, sonhos, discriminação entre real e imaginário, mundo interior e realidade externa, manifestações agressivas, libidinais e respectivos controles, regressões, fixações, inibições, simbolização, dentro de leis próprias, como os princípios do prazer e da realidade (LEVISKY, 1992).

A criança se desenvolve dentro de uma família e comunidade; incorpora procedimentos éticos inconscientes como democracia, solidariedade, tolerância, convivência com as semelhanças, diferenças ou seus opostos. Cria-se desde cedo a estrutura para uma mentalidade mais ou menos rígida e conflitante, submissa ou libertadora, anárquica, democrática ou fundamentalista. Há uma ampla gama de alternativas para uns e exígua para outros. Distúrbios comportamentais, de aprendizagem, sociais e mesmo a delinquência podem ser a expressão de ansiedades e conflitos em parte favorecidos por questões sócio-psico-educativas, que precisam ser analisadas no conjunto de suas interações.

Crianças e adolescentes estão em pleno desenvolvimento biológico, psicológico e social, o que significa dizer que são vulneráveis e receptivos aos estímulos internos e externos que participam na formação de sua identidade. Carregam em si potenciais construtivos, destrutivos, reparadores e criativos, de vida e de morte que podem ser estimulados e reprimidos pela cultura, através da qualidade das relações afetivas e dos valores e normas estabelecidas pela sociedade.

Na formação e desenvolvimento da subjetividade na sociedade ocidental contemporânea privilegia-se a individualidade, a singularidade, a democracia, a igualdade de direitos. Elementos que vão constituir a ética a ser incorporada na formação da subjetividade do sujeito. Fatores complementares, paradoxais, se compõem em distintos eixos de organização, compondo o *self*, mobilizados pelas pulsões, que se organizam através das capacidades transformadoras, integradoras ou não, do ego e do superego, facilitadas, estimuladas, recalcadas ou reprimidas pelo meio ambiente, isto é, pelas características do contexto. Entenda-se aqui contexto familiar, cultural regional e identidade nacional.

Por exemplo, a violência pode ser tomada como uma manifestação exemplar nesta relação entre educação e o processo psicológico de identificação. Palavra difícil de se definir, mas fácil de ser sentida e identificada, principalmente quando se é vítima. Lalande conceitua violência como um fenômeno possuidor de múltiplos caracteres. É algo que: a) “se impõe contrariamente à sua natureza”; b) “se exerce com uma força impetuosa contra aquilo que lhe causa obstáculo”; c) resulta de “impulsos que escapam à vontade”; d) ocorre quando a pessoa se comporta com uma força impetuosa contra aquele que lhe resiste; e) faz uso do “emprego ilegítimo, ou pelo menos ilegal, da força”.

É preciso identificar suas manifestações e significados simbólicos. Existe a violência física, bárbara, motivada por conflitos profundos e estruturais de perso-

nalidades perturbadas. Outras, por motivações políticas, ideológicas, econômicas, ou reações de quem se sente acuado, diante do desespero, da desesperança, da falta de perspectiva. Difíceis de serem diferenciadas entre o que é passível de tratamento e o que a lei impõe para proteger a sociedade e o próprio agressor. Quantas vezes aquilo que é a alegria de uns significa o infortúnio de outros e o mesmo fenômeno depois pode se inverter.

Há, ainda, violências construtivas, libertadoras, frutos do desejo de emancipação, de reconhecimento, de auto-afirmação, inerentes ao desenvolvimento de qualquer ser humano. São observáveis com facilidade na criança e no jovem, em condições adequadas de vida, manifestadas pela rebeldia e pequenas transgressões assimiláveis e toleradas pela sociedade.

Mas há violências sorrateiras que destroem a capacidade de análise crítica e de julgamento, que trapaceiam, corrompem, vendem ilusões de prazeres imediatos, que cegam e bestializam, destruindo valores. Em nome do quê? Do lucro? Da crença? Não sei.

Não se pretende um retorno ao passado. Entretanto, novas construções dependem de suas relações com o passado. Elas servem de base para a formação do sujeito, alimentam os vínculos e promovem sentimentos de confiança.

No presente, há uma tendência a se priorizar o poder econômico, a massificação do consumo, valorização da realização imediata do desejo. Concomitantemente, vive-se a falta de perspectivas de trabalho, de solidariedade, ferindo o sujeito em sua auto-estima, criando o fermento da violência. A questão se complica quando aqueles que são agentes da hostilidade não se dão conta de que também são vítimas de sua própria violência, muitas vezes mascarada pelo cinismo.

Pode-se enumerar uma série de episódios violentos no longo tempo da história e das transformações das mentalidades nas lutas por uma vida melhor. Crianças e adolescentes sempre estiveram envolvidos nestes embates. São eles que vão à frente dos exércitos (militar, econômico, religioso, etc.), com bravura, coragem, idealização, sacrificados pelos adultos, gerentes ideológicos do processo. No Brasil temos a experiência de morrerem por dia mais crianças e adolescentes do que em muitas guerras.

A educação, através de ações familiares e comunitárias, aproxima experiências, transmite valores, memória histórica, transformados e atualizados pelas imposições dos processos evolutivos de maturação e pelos processos tecnológicos, econômicos, redes de comunicação, conhecimentos, que por sua vez interferem e modificam a cultura. Mutações cada vez mais rápidas e constantes que afetam sobremaneira a organização da subjetividade individual e coletiva com repercussões que alteram a qualidade e a dinâmica das relações afetivas e sociais.

Tais fenômenos podem ser observados quanto às transformações que vêm ocorrendo na estrutura e dinâmica familiares. Novos tipos de união envolvem questões de gênero, mudanças quanto à horizontalização das relações, dificuldades no estabelecimento de limites, numa sociedade rica de opções e carregada de incertezas. Se pensarmos na possibilidade ainda ficcional de clones humanos, na gravidez masculina, nas famílias monoparentais, nos indagamos: Como será a subjetividade, a mentalidade, a ética, a moral, o imaginário em relação às caracte-

rísticas repressoras e integradoras do superego protetor quanto aos jovens do futuro? Provavelmente estamos pouco preparados para metabolizar e incorporar as mudanças que estão ocorrendo num ritmo tão veloz, transformando-se em fatores de estresse. Uma outra forma de violência.

Tudo se passa em tempo real e se difunde para todos os lados. Repercute-se em todos e todos recebem as influências de cada um. Levantamentos estatísticos mostram que a qualidade de vida no mundo vem melhorando. Vendem-se mais geladeiras e automóveis. Mas vive-se a desestruturação das grandes cidades e das culturas que mobilizam reações defensivas, com o aumento de regionalismos de várias ordens (religiosa, política, cultural). Porém pouco se observa quanto ao aumento das responsabilidades sociais, como se pode constatar em relação a certos segmentos inescrupulosos da mídia. Falta de critérios atrelada ao poder econômico, às fragilidades institucionais geradoras de corrupção e impunidade, que “oficializam” condutas e interferem de forma inconseqüente na constituição das relações éticas.

Foucault (1998), na “A Ordem do Discurso”, nos esclarece sobre a importância do contexto na formação do universo simbólico do sujeito e das instituições; pode-se deduzir suas repercussões sobre o processo identificatório e a formação da identidade, relacionadas à elaboração do Édipo.

Hoje há uma rede de iniciativas buscando solidariedade, integração e participação através de inúmeros projetos que envolvem a responsabilidade social de empresas, instituições privadas, oficiais e não-governamentais, grupos de voluntários, numa tentativa de interferir na ética e moral vigentes. Entretanto, é preciso um esforço extraordinário para aprimorar ou mesmo preservar a qualidade ética, socioeducativa, afetiva das relações no contexto atual.

Tivemos a oportunidade de denunciar e analisar algumas das causas geradoras da violência em outras publicações. O momento é de ação, de investimento em práticas que modifiquem as mentalidades que regem o poder econômico vigente e que interfiram no desenvolvimento do sentimento de participação e de responsabilidade social. Mudar o contexto, na busca de condições de vida que tornem as sociedades mais continentais, dotadas de recursos psicológicos e sociais facilitadores da sobrevivência, de educação, de solidariedade, de possibilidade de realização pessoal e grupal. Ações que abram espaço para a expressão da vida amorosa e agressiva existente em todos nós, através da linguagem, dos meios simbólicos, de forma aceitável e capaz de ser incorporada pela sociedade. Utopia? Demagogia? Ou luta contra a desesperança? São tentativas de reestruturar valores incorporados pelo superego e ideal de ego.

A construção de uma Nova Ética parece ser um dos caminhos para a reconquista da integração social e da construção de uma sociedade que preserve a singularidade do sujeito, o coletivo, englobe as diferenças, diminua o sentimento de exclusão. A educação é o processo para a construção desta subjetividade continente. Não significa resgatar a Paidéia da velha Grécia, mas recordar sua importância no sistema educacional contemporâneo. Diminuir as diferenças, oferecer oportunidades para todos, combater a pobreza e as injustiças sociais através de ações educativas e possibilidades reais de emancipação. São caminhos que podem

contribuir para se lidar melhor com os sentimentos destrutivos que fazem parte de nossa natureza. Eles podem ser mitigados, diluídos, quando não se fomentam os sentimentos de desprezo, desvalorização, abandono, ciúmes, inveja, geradores de hostilidades e violências.

A expansão da subjetividade caracterizada pela individualidade e singularidade humanas foi uma conquista; em contrapartida, esmaeceu a noção das diferenças entre público e privado. Não devemos nos esquecer de que somos seres sociais; dependemos e vivemos em grupos. Ninguém se constitui por si só. Há limites pessoais e grupais, o que se torna necessário descobrir ou lembrar em cada situação, através do sentir e do pensar, tão empobrecidos nesta era do ter e do agir. O individualismo cresce com o surgimento das grandes cidades e com a globalização que ao mesmo tempo aproxima regiões, culturas e economias e, paradoxalmente, afasta o homem de uma preocupação com a qualidade afetiva das relações. Era de transições? Ultrapassamos a descoberta do fogo, do ferro, da imprensa, da penicilina, da televisão, da internet e agora chegamos à clonagem humana. Parece que tanto faz ser homem ou mulher; uma pinça e uma proveta são capazes de substituir o antigo pênis e a esquecida vagina. O rabo, faz tempo, já se perdeu. O gozo virá com a pílula!

Evoluímos em tecnologia, mas temos muito a aprimorar, se quisermos evoluir neste processo dinâmico que é a qualidade das relações entre as pessoas e grupos; cada um com suas motivações, interesses e limitações. Não é mais a busca do consenso, mas o encontro de espaços capazes de abarcar, em certas doses, as diferenças, com tolerância e sentimento de equidade.

Têm-se esquecido as características do coração humano que mostram que, quando falta amor, entenda-se: falta de compreensão, de acolhimento, de comida, de trabalho, de saúde, de sentimento de valorização do indivíduo, de confiança; quando há excesso de frustração, surgem no inconsciente ódio, frieza, indiferença, apatia, depressão, somatizações. Os mecanismos de defesa se amplificam e tornam-se rígidos, a impulsividade aumenta e a tendência é a passagem ao ato: processo psicológico de descarga motora na busca de um reequilíbrio psíquico imediato.

Uma sociedade liberalizada de envolvimento, de responsabilidade social, egocêntrica, que não se faz ouvir e que ouve só o que quer, que faz vista grossa, onde tudo vale, em nome de uma pseudodemocracia e um ilusório sentido de liberdade. Tal sociedade contribui inconscientemente para a geração do clima propício para a violência e outros afetos destrutivos, inerentes à subjetividade e identidade de cada um, estimulados pelas características da cultura.

O contexto se agrava, incentivado por segmentos irresponsáveis da mídia, associados direta ou indiretamente ao poder econômico perverso, amparado e estimulado por parcelas da população desejosas de satisfazer suas fantasias. Este conjunto ocupa com grandes vantagens o domínio do espaço público. Desta forma, cria-se um contexto que autoriza e oficializa, por tornar públicas e impunes, condições sociais facilitadoras de violência, de liberalidade sexual, de extravagâncias, à semelhança do que se passa nos sonhos ou no imaginário consciente e inconsciente, individual e coletivo projetados nas telas. Como arte e lazer fazem

parte da sublimação, quando iterativas e sem qualquer censo sobre o impacto psicossocial, viram elementos liberados para incorporação à identidade e prática na cultura. Tornam-se elementos do processo identificatório, com perda de discriminação entre realidade objetiva e imaginário, realidade concreta e virtual. O contexto torna-se facilitador na oferta destes modelos identificatórios negativos, perversos, que são incorporados por crianças e principalmente adolescentes, ávidos que estão na busca de novos modelos na edificação de sua identidade (formação do superego e ideais de ego).

Comparato (2001) afirma que: “A revolta dos povos dominados – geral, permanente e implacável – contra a globalização capitalista é absolutamente necessária” e acrescenta que “os capitalistas pensam de forma totalmente diferente”. E nós, do povo, como podemos saber qual é o caminho, nesta barafunda de idéias, se não manifestarmos o que pensamos, sentimos e queremos?

Busca-se uma Nova Ética, que abarque o respeito à subjetividade, à individualidade inserida no conjunto social que constitui a grande comunidade das cidades, estados e países. Será que o homem necessita de uma ameaça externa, um extraterrestre maligno para se unir? Ou é mais fácil lidar com o perigo externo a ter de enfrentar a própria destrutividade, camuflada pela negação da realidade, desfaçatez, vista grossa, o desejo de levar vantagem, o “o outro que se dane”, o “passe amanhã”, tão freqüentes em nossa identidade nacional².

Poetas, historiadores, educadores, psicanalistas, sociólogos, psicólogos entre tantos outros, têm tentado salientar o que Rousseau havia alertado: a necessidade de se conhecer a natureza do coração humano para se conhecer a história. Se conhecermos melhor a natureza humana, suas dualidades afetivas de amor e ódio, de construção e destruição, de inveja e gratidão, poderemos compreender melhor a gênese das violências, e encontrar recursos para atenuá-las e até eliminá-las, se isto for uma tarefa humanamente possível. As violências, algumas necessárias, podem ser o último grito de clamor dos desesperados, dos que não são ouvidos. Como aquele do bebê, que ao nascer emite seu grito, não de dor, mas, paradoxalmente, de vida e de terror, pelo desamparo experimentado ao iniciar sua longa e derradeira etapa. Mitos que carregamos em nosso inconsciente e que permeiam nossas ações.

Acaba de ser publicado um documento denominado “Dissenso de Washington”. Ele pretende uma redução do protecionismo comercial dos países desenvolvidos e um conjunto de ferramentas a serem desenvolvidas pelos governos nacionais, do qual destacamos alguns itens: a) conter a indisciplina fiscal cometida por governos que gastam mais do que arrecadam, promovem ou fazem vista grossa à corrupção, extorquindo dos pobres e da classe média, beneficiando mais os ricos; b) gerar programas em que os gastos públicos

2. Estarrecido e desolado interrompi dia 11 de setembro de 2001 a redação deste texto, impossibilitado que estava de pensar, dominado pelo realismo da mente humana. Violência, horror e ceticismo mobilizados pelo ataque terrorista sofrido pelos Estados Unidos desorganizaram meus sentimentos e idéias. Muito mais, a Cultura Ocidental foi abalada e questionada. Ainda que místico, quero crer que, diante de tanto terror, o homem possa acordar e aprender a lidar com a bestialidade presente em todos nós, favorecida pela própria cultura contemporânea. Freud já nos havia alertado sobre o ônus da civilização no recalçamento das pulsões primitivas; temos muito para aprender quanto às possibilidades de transformações da natureza humana, principalmente no que se refere às qualidades das relações.

privilegiem e assegurem condições sociais e projetos educacionais pré-escolares e escolares eficientes; c) tributar mais os ricos e gastar mais com os outros; d) efetivar programas que protejam e valorizem o trabalhador; e) atacar frontalmente as discriminações; f) dar oportunidades justas aos camponeses pobres através de formas mais adequadas de reforma agrária; g) adequar os serviços públicos para atender aos consumidores, pobres ou ricos. Afirma Rossi (2001), autor do artigo, que a América Latina é considerada o subcontinente de maior desigualdade no planeta.

Dar sustentação ao conjunto de fatores complementares e paradoxais presentes nos sujeitos e nas sociedades são os desafios atuais. Esta talvez seja a utopia que acompanha o homem no percurso de sua história. Quantos paraísos terrestres e celestiais são referidos na história da humanidade? Mas, melhor preservar a utopia do Paraíso, de Shangrilá, da Cocanha, para termos esperanças e não cairmos no vazio, na solidão, no desamparo, que tanto nos ameaçam. Quem sabe nossa capacidade simbólica de pensar, criar e transformar pode equilibrar os instintos e pulsões que carregamos em nossos aminoácidos? Quem sabe, seremos capazes de desenvolver um diálogo não somente de palavras, mas de ações que busquem efetivamente uma integração entre as diferenças?

O aparelho psíquico suporta certa quantidade de pressão externa e oriunda das necessidades e desejos. Ultrapassado este limiar há uma descarga contra o próprio corpo ou contra o meio externo, através de atos explosivos, impulsivos, impensados, na busca de um novo estado de equilíbrio psíquico. Situações traumáticas ou micro-traumáticas de excitações/frustrações contínuas, que ultrapassem suas possibilidades de elaboração e reorganização, mobilizam processos psíquicos defensivos. Na busca de um novo estado mental de equilíbrio, a pessoa, involuntariamente, pode reagir com indiferença ou descargas explosivas contra si ou contra o meio. Quando a descarga é intermediada pela capacidade de pensar, pela atividade simbólica, as fantasias têm vazão de forma atenuada e o sujeito vive um certo grau de alívio e de satisfação, integrado ao meio social.

Necessitamos do outro para definir nossa própria existência e identidade. O processo de identificação é complexo, dinâmico e ocorre ao longo de toda a vida. Seu início virtual antecede a constituição do sujeito, uma vez que, no imaginário dos pais, heranças psíquicas e culturais criam um contexto a ser incorporado pelo indivíduo na constituição de sua subjetividade. Elementos que se transmitem e que ficarão impressos na memória.

O processo de identificação se prolonga por toda a vida, através de sucessivos períodos críticos de reorganização do ego, com novas redistribuições da libido e transformações de valores e ideais, com características específicas na infância e adolescência.

A identificação é “um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma total ou parcialmente, a partir daquele modelo”. É uma condição que dá ao sujeito um sentimento de continuidade e de limite, em relação a si e ao mundo com o qual ele se relaciona. A personalidade se constitui e se diferencia por uma série de identificações (LAPLANCHE e PONTALIS, 1973).

São processos constantes e sucessivos de elaborações, perdas e transformações que ocorrem no mundo do psiquismo, em grande parte, de forma inconsciente. Este processo constrói um sentimento de algo que o define como sujeito. Isto é, sua identidade. Sentimento que nos faz perceber que, apesar de semelhanças e diferenças, temos algo que se organiza em torno de um *continuum* e dentro de limites. Algo que permite que nos reconheçamos em diferentes momentos de nossas experiências de vida. É uma condição psicológica que tem um valor central na obra de Freud.

A criança nasce numa condição de total dependência e caminha para a autonomia. Parte de um momento praticamente indiferenciado entre o “eu” e o “não eu” até constituir o “eu sou”, traduzindo um sentimento de autonomia e de capacidade de escolha, inclusive de suas dependências.

A identidade é resultante de um conjunto de identificações parciais, a ponto de encontrarmos na mesma pessoa uma “pluralidade de pessoas psíquicas”, com predominâncias de tendências afetivas e de sentimentos, que se movimentam, que se alternam e que se transformam, às vezes de forma antagônica ou complementar entre si. A identidade se constitui a partir da vida de relações, na qual há uma reciprocidade de influências entre as estruturas mentais e a sociedade, na constituição do sujeito. Na apreensão da complexidade deste processo é preciso ainda considerar as fantasias inconscientes, os aspectos econômicos, dinâmicos e estruturais da mente, que constituem as bases metapsicológicas da psicanálise, o espaço mental e cultural dos mitos, dos ritos, das utopias, das ilusões e da dura realidade. Ética, moral, superego, delinquência, democracia são conceitos que se articulam entre si na formação da subjetividade e identidade do sujeito, girando em torno de múltiplos eixos, coesos ou não, na estruturação e desenvolvimento do aparelho psíquico. Desta interação contínua entre as potencialidades do ser e suas relações afetiva, educacional, histórica, econômica, social e política emerge o sujeito com suas possibilidades relacionais.

Estes complexos processos do desenvolvimento da personalidade, da identidade e da educação atravessam estados de não-integração, integração, desintegração e reintegração, organizando o *self*, composto por elementos sintônicos, complementares e paradoxais, autênticos, espontâneos ou submissos, que podem ou não ser incorporados ao ego em evolução. As relações afetivas intra, inter e transpsíquicas, em conjunto com as ações educacionais veiculam estas transformações. O ego, através de experiências emocionais, busca alcançar estados de equilíbrio dinâmico capazes de possibilitar maior ou menor interação entre partes do mundo interior e o mundo real. A elaboração das fantasias conscientes e inconscientes promovem, interferem e dependem da organização do *self* e dos elementos incorporados a ele durante o desenvolvimento. Agressividade, construtividade, reparação e criatividade são qualidades psíquicas inerentes ao *self* e ao processo de desenvolvimento da personalidade e da identidade, facilitadas ou não pelo meio ambiente.

Winnicott (1989) afirma que: “Tudo Começa em Casa”, mas muitos começam nas ruas. Uns como expressão livre, criativa, e compartilhada dentro de uma relação familiar continente e satisfatoriamente estruturante. Outros sobrevivem

nas sarjetas e, através de atitudes anti-sociais fazem seu apelo inconsciente como expressão de dor. Dor pelo abandono, desamparo, carência, miséria. Atitudes inadequadas para uma cultura que preza a paz e o amor, cujo distúrbio de conduta social é o clamor inconsciente pela violência sofrida diante da negação de sua existência. Dor profunda ocasionada pelo desprezo e ameaça de aniquilação de si, do sentimento de auto-estima, cuja exclusão aniquila o sentimento de “pertencer”, “de fazer parte” do grupo social.

O ato delinqüencial pode expressar a esperança de resgatar aspectos do *self* primitivo, precocemente perdido, não descobertos ou não integrados ao que Winnicott chamou de “verdadeiro *self*”. Isto é, um sentimento de Ser, “ existo e sou querido como sou”. Uma condição de acolhimento que possibilita o indivíduo se sentir sujeito, uno.

Esta integração da psicanálise à prática social permite pensar que “...a tendência anti-social é uma redescoberta da própria agressividade, aspecto inerente à existência do *self* verdadeiro. O roubar pode se relacionar com um sentimento de ‘privação’ que ocorreu muito antes da explosão agressiva, durante o desenvolvimento emocional da criança” (WINNICOTT, 1967).

A criança que rouba não está procurando o objeto roubado e talvez nem mesmo o simbolismo que este encerra. É uma tentativa de resgate da “capacidade de buscar”. Capacidade que lhe dá condições para encontrar objetos de afeto substitutos a partir da relação inicial com a mãe, dando um significado gratificante à sua existência. Crianças e adolescentes privados da condição de *maternage* e de família buscam encontrar um acolhimento substituto, função atribuída às Instituições e ao Estado. A falha ou inexistência das funções institucionais substitutivas da família contribuem para que a proteção venha do mundo ao seu alcance, se não outro, o do crime. Aí encontra afeto, proteção e condições de vida. A criança passa a Ser, a existir para alguém afetivamente significativo. Neste processo há um resgate da “capacidade de busca” mobilizada pelo apelo de suas necessidades inconscientes.

Os estados precoces de privação afetiva geram patologias na relação mãe-bebê. Desorganizações familiares agravadas por estados de miserabilidade e abandono comprometem a organização do *self* primitivo e o descobrimento dos potenciais e relações entre construtividade, destrutividade e criatividade, da noção de limites internos e sociais e, portanto, do sentimento de liberdade. Comprometem outra capacidade básica, a de “experimentar pesar e desesperança” (WINNICOTT, 1958).

Apatia e submissão são atitudes comportamentais que geralmente antecedem as manifestações anti-sociais. Os sucessivos fracassos das relações iniciais podem deixar marcas profundas que afetam o desenvolvimento estrutural e funcional das funções do ego; inclusive aquelas ligadas à educação e aprendizado. Há relação de reciprocidade entre o desenvolvimento destas funções e estados mentais que compõem a vida afetiva, podendo favorecê-las, inibi-las, deturpá-las ou dissociá-las.

Podem ocorrer, nestas circunstâncias, patologias do “espaço, do objeto e dos fenômenos transicionais. Patologias que conduzem a manifestações concretas de

fantasias inconscientes através de atuações (*acting out*), um meio primitivo de descarga motora dos estados tensionais. Expressam conteúdos inconscientes comunicados através do corpo e da ação (LEVISKY, 1994). São regressões a estados psíquicos primitivos defensivos diante de situações emocionais de extrema ansiedade e sem perspectivas de encontrar uma via criativa através de aspectos construtivos do *self*. Elas pertencem ao psicossoma e se manifestam antes de alcançar a mente através de representações simbólicas (WINNICOTT, 1960).

As patologias do espaço, do objeto e dos fenômenos transicionais comprometem a formação do mundo simbólico, do espaço do jogo e da experiência cultural (WINNICOTT, 1968b).

Winnicott preserva o conceito freudiano de formação do superego e sugere que, em situações de saúde mental, o superego é uma fase posterior à integração do *self* primitivo e implica passar pelo complexo edípico com seu conjunto de interdições, valores éticos e morais, e identificações com as figuras parentais.

Na patologia, as perturbações precoces do *self* repercutem na formação do superego. O descobrimento dos aspectos autênticos e espontâneos da personalidade resulta prejudicado, interferindo na organização do superego. Compromete a qualidade da relação com o mundo exterior e a vida social. São afetadas as regras comuns de convivência, perde-se a noção de liberdade, assim como os limites individuais e sociais. O sujeito não se estabelece como um “ser total”. Não são criadas condições que possibilitem ao indivíduo se tornar uma pessoa madura, que tenha percepção de seus paradoxos, dos aspectos destrutivos e construtivos de sua personalidade, seus vínculos e limites. Este conjunto permite preservar os aspectos autênticos e espontâneos de sua personalidade e fazer uso de sua capacidade reparadora.

Winnicott (1960b) ressalta que o superego só pode se organizar e ter um caráter civilizado quando há desenvolvimento e integração adequados dos elementos primitivos do *self*. Eles são os que dão condições para o desenvolvimento do processo identificatório e seu conjunto de valores éticos e morais, como a preservação da liberdade que requer eterna vigilância, função que depende da identidade, dos aspectos do ego e superego conscientes e inconscientes. (WINNICOTT, 1969).

Winnicott (1960b)³ afirma que “na saúde, a criança se encontra suficientemente bem para ser uma pessoa total, experienciar a situação triangular e ser capaz de elaborar na presença dos pais, através do Complexo de Édipo e estabelecimento do superego que tem uma certa relação com os pais, tais como são percebidos”. Mais adiante: “Um número grande de crianças jamais tem esse alívio. Nestes casos não há um superego adequado e a formação nunca se torna humanizada”. Isto fundamenta a importância da *maternage* adequada, da qualidade do meio familiar, para que a “criança possa evoluir para coisas tais como: obediência, desafio e identificação”. Só assim podem experienciar com autenticidade suas potencialidades construtivas, destrutivas e reparadoras.

Quando a estas condições se agregam estados de miserabilidade, de violência, de perda de continuidade nas relações afetivas, transformações rápidas dos valo-

3. Tradução livre.

res éticos e morais que sustentam as culturas regionais, gera-se um clima de insegurança e de falta de confiança básica. Em consequência, o desenvolvimento do *self* primitivo e do processo de identificação sofrem deturpações, com prejuízos na instauração da autoridade parental.

Nas patologias do espaço transicional (WINNICOTT, 1951), quando as defesas não tenham fracassado totalmente, o pensar pode atuar como substituto dos cuidados maternos. O pensar se transforma em uma função “praticamente substituindo a mãe boa e tornando-a desnecessária; isto pode ser acompanhado por um estado permanente de dependência da mãe real e um falso crescimento pessoal, com base na submissão” (WINNICOTT, 1968).

É recente na história da humanidade a existência de uma preocupação com as interações da criança e do adolescente como elemento vivo e interatuante no seio da sociedade. “Somente uma identidade seguramente amparada no patrimônio de uma identidade cultural pode produzir equilíbrio psicossocial operável. Um temor de perda de identidade domina grande parte de nossa motivação irracional... Nestas emergências, massas de pessoas se tornam prontas a buscar a salvação em pseudo-identidades” (WINNICOTT, 1965).

Winnicott (1960a) conclui que “uma pessoa totalmente integrada assume plena responsabilidade por todos os sentimentos e idéias que pertencem ao ‘estar vivo’ ”.

Se indivíduo maduro é aquele capaz de “assumir plena responsabilidade por todos os sentimentos e idéias” suspeito que, muitas vezes, isto se passa em nível exclusivamente intelectual e não como fruto de um contato maior com o próprio inconsciente, com o próprio corpo e em especial com o próprio potencial destrutivo.

A “experiência da preocupação”, segundo Winnicott (1960a), é a “base de tudo aquilo que é construtivo”, a partir da capacidade de reparação, centralizada no ego primitivo, narcísico.

Vivemos num mundo dominado pela descontinuidade e falta de integração. Hobsbawm (CAMARGO, 1995) afirma que: “a televisão e o video-cassete têm o poder de desestruturar a ordem das coisas. É como se a cronologia não fosse mais importante”. Ela conduz os jovens a um estado de “presente constante”. Pode-se acrescentar outros ingredientes que ao longo tempo tornam-se desestabilizadores do sujeito e da sociedade: a busca constante de prazer imediato e a concretude, onde o prazer simbólico e o sublimado tendem a ser suplantados até pela realidade virtual, interferindo na capacidade psíquica de suportar angústias e até mesmo a realização.

Estamos diante de uma sociedade imatura, vivendo uma pseudodemocracia, cujos aspectos éticos e morais são pouco consistentes. Confunde-se a moral democrática dos afetos, sentimentos e idéias com liberalidade de ação, distante da preocupação com as consequências. Não se discrimina a busca de liberdade interior, confundindo-a com liberdade de ação. A liberdade plena que se pode alcançar é interna, na mente. Ilusoriamente o homem projeta esta liberdade sobre a sociedade, confundindo-a com sua liberdade interior.

Winnicott (1950), refletindo sobre a palavra democracia, diz: “Democracia é uma sociedade madura, que apresenta uma qualidade que é aliada à maturidade

individual que caracteriza seus membros saudáveis”, onde o sujeito é “capaz de manter o conflito todo dentro do *self*, como é capaz de vê-lo fora do *self*, na realidade compartilhada”.

Quando me coloco como observador de mim mesmo e da sociedade na qual vivo, penso que nos esforçamos intensamente para nos aproximarmos deste estado, mas lamentavelmente sinto que estamos distantes de sermos capazes de conter suficientemente os paradoxos e conflitos.

“Nem a democracia nem a maturidade podem ser impostas a uma sociedade”, é um longo e delicado processo que depende de muito esforço, trabalho psíquico e deriva de um ambiente familiar adequado (WINNICOTT, 1950). “Tudo começa em casa” (WINNICOTT, 1968), através de uma *maternage* suficientemente boa, de uma família continente. Assim, pode-se prevenir e aumentar as possibilidades de se estruturar um *self* coeso e autêntico, edificar um ego capaz de lidar com seus próprios limites, construir um superego protetor e tolerante, dentro de uma certa ética e moral, fruto de uma democracia interna dos diferentes elementos que compõem o *self* primitivo e atual, no âmbito de uma realidade compartilhada. Bases para uma vida ética, civilizada e democrática, desenvolvidas através da educação (WINNICOTT, 1968b).

Referências Bibliográficas

- ABADI, S. Transiciones. Buenos Aires: Lumen, 1996.
- CAMARGO, Z. É difícil entender a sucessão de eventos passados. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 ago. 1995. Caderno Ilustrada, p. 5.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- HINSHELWOOD. *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- COMPARATO, F. K. Povos dominados do mundo, uni-vos! *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 ago. 2001, Seção Tendências/Debates, p.A3.
- LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris: PUF, 1973.
- LEVISKY, D. L. Algumas contribuições da psicanálise à psicopedagogia. In: SCOZ, B.; BARONE, L.; CAMPOS, M.; MENDES, M. *Psicopedagogia – contextualização, formação, e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, p.46-55.
- LEVISKY, D. L. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. *Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 143 p.
- _____. (Org.). *Adolescência pelos caminhos da violência*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 188 p.
- ROSSI, C. Dissenso de Washington. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 ago. 2001, p. A12.
- ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou Da Educação*. Difusão Européia do Livro, 1968.
- WINNICOTT, D.W. O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Ed.Ltda., 1975.
- _____. Desenvolvimento emocional primitivo (1945). In: WINNICOTT, D.W. *Da Pediatria à Psicanálise*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1978.

- _____. Objetos transicionais e fenômenos transicionais (1951). In: WINNICOTT, D.W. *Da Pediatria à Psicanálise*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1978.
- WINNICOTT, D.W. A tendência anti-social (1956). In: WINNICOTT, D.W. *Da Pediatria à Psicanálise*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1978.
- _____. *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. Algumas reflexões sobre o significado da palavra democracia (1950). In: _____, *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. Agressão, culpa e reparação (1960a). In: WINNICOTT, D.W. *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. A liberdade (1969). In: WINNICOTT, D.W. *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. A delinquência como sinal de esperança (1967). In: WINNICOTT, D.W. *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações psicanalíticas—D.W.Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). Psicogênese de uma fantasia de espancamento (1958). In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações Psicanalíticas — D.W.Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). Comentários sobre “On the concept of the superego” de Joseph Sandler (1960b). In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações Psicanalíticas — D.W.Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). Erik Erikson. Resenha de “Childhood and Society” (1965). In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações Psicanalíticas — D.W.Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). O pensar e a formação de símbolos (1968a). In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações Psicanalíticas — D.W.Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). O brincar e a cultura (1968b). In: _____; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações Psicanalíticas — D.W.Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.